



**CATARINA ROSETA
PALMA**

Professora Associada, ISCTE
Business School

Andar em círculos

Já é um chavão dizer que a nossa economia tem de deixar de ser linear. É preciso passar a um sistema de produção circular, no qual não extraímos matéria-prima nova para fabricar produtos que vamos usar e deitar fora e em que reintegramos os produtos em fim de vida nos processos produtivos para serem transformados, criando novamente valor económico. Na natureza não há desperdício, e temos de nos mentalizar de que só assim poderemos reduzir a pressão sobre os ecossistemas, quer na extração de recursos naturais, quer na deposição de resíduos. Fechar o círculo é o objetivo de várias políticas ambientais, tendo a União Europeia já publicado dois Planos de Ação para a Economia Circular (em 2015 e 2020).

Apesar disso, de acordo com a European Environment Agency (EEA), a taxa de circularidade na UE em 2023 era de apenas 11,8%, ou seja, pouco mais de um décimo dos produtos novos recorre à incorporação de material reciclado. Não se vislumbra progresso, apesar das estratégias europeias e nacionais para a economia circular. Os indicadores de fluxo de materiais, de geração de resíduos e de reciclagem estão estagnados em níveis próximos dos de 2012: cada europeu utiliza cerca de 14 toneladas de materiais por ano, gera 5 toneladas de resíduos e a taxa de reciclagem teima em não chegar a 50%¹.

No caso dos têxteis, que ocupam o 5.º lugar de 12 categorias em termos de diversos impactos ambientais, estamos pior ainda. Os dados mais recentes apontam para um aumento do consumo anual para um nível recorde de 19 kg por pessoa em 2022 (quase uma mala de viagem bem cheia)².

A economia circular não pode ser só uma obsessão com o



fecho do círculo³. Temos simultaneamente de fechar, abrandar e estreitar, ou seja, utilizar materiais reciclados em vez de novos (fechar) é importante, mas os produtos devem durar mais (abrandar) e devemos usar o mínimo possível de materiais em cada produto (estreitar). No caso dos têxteis, isto significa integrar materiais reciclados, sim, mas também usar a roupa durante mais tempo e reduzir o desperdício na produção. É notável que o peso desta categoria na despesa dos agregados familiares não tem aumentado, pois os produtos são cada vez mais baratos. Quem se vai dar ao trabalho de coser botões, alterar casacos ou passajar meias se comprar novo é prático e barato?

Utilizar têxteis em segunda mão é um bom princípio, mas quem vai reduzir a dimensão do seu guarda-roupa se é fácil comprar e vender na Vinted ou afins? Quem quer ser visto a usar as mesmas calças anos a fio se as empresas de 'fast fashion' nos impingem que o que temos no armário já "não se usa" e temos de estar "na moda"?

Ao consumir mais recursos e gerar mais resíduos, mesmo que os fluxos sejam circulares, corremos o risco de ficar presos num vórtice de consumo galopante, onde damos voltas e mais voltas, cada vez mais rápidas, com consequências cada vez mais desastrosas. Há que repensar este círculo vertiginoso. Nos têxteis, é comprar menos, mas

melhor, em segunda mão de preferência, mas com critério, arranjar o que precisa de arranjo sempre que possível, e rejeitar o brilho de modas que só nos arrastam para o turbilhão. ■

¹ <https://www.eea.europa.eu/en/analysis/publications/accelerating-the-circular-economy>

² <https://www.eionet.europa.eu/etcs/etc-ce/products/etc-ce-report-2025-7-measuring-europe-2019s-textiles-circularity-2013-through-the-lenses-of-the-eea-circularity-metrics-lab>

³ Ver Bocken et al. (2016), <https://doi.org/10.1080/21681015.2016.1172124>

Ao consumir mais recursos e gerar mais resíduos, mesmo que os fluxos sejam circulares, corremos o risco de ficar presos num vórtice de consumo galopante.

ID: 116446013

02-04-2025

CATARINA P. ROSETA
Há que repensar o círculo
vertiginoso dos têxteis
OPINIÃO 29

